

Coelho, José Ramos. *De Narciso a Édipo: a criação do artista*. Natal: EDUFRN, 2005. 162 páginas.

*Ivanaldo Santos**

O livro do professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, José Ramos Coelho, é resultado de sua pesquisa realizada no doutorado em psicologia clínica da Universidade de São Paulo. Coelho afirma que a tese norteadora dessa pesquisa é a questão de que o “sujeito se constitui a partir de um processo de identificação/diferenciação” (p. 16). Entretanto, o processo de identificação/diferenciação é estudado por Coelho a partir da perspectiva da formação do sujeito artístico e da atividade poética. Para tanto, ele faz uma análise e uma reinterpretação de dois mitos clássicos da cultura ocidental, sendo eles: o mito de Narciso e o de Édipo. Em suas palavras: “A atividade poética é o campo privilegiado no qual Édipo e Narciso – esses dois personagens trágicos – se encontram, dão-se as mãos e brincam como duas crianças” (p. 137).

A pesquisa é uma tentativa de responder três questões entre muitas outras que podem ser realizadas sobre a tese pesquisada. Essas questões são: como um apreciador e amante da arte se transforma num criador? Quais as etapas ou momentos constitutivos dessa metamorfose? Que atitudes, comportamentos e estruturas estão subjacentes?

Para tentar responder essas questões o autor realiza uma aplicação de duas teorias para interpretar o mito de Narciso e de Édipo. Essas teorias são a psicanálise, tanto a vertente freudiana como também a lacaniana, e a fenomenologia de Edmund Husserl. O resultado dessa aplicação é que, de um lado, fenomenologicamente a obra de arte é percebida como uma objetividade própria, independente da subjetividade de seu criador e,

* Professor do Departamento de Filosofia da UERN. *E-mail:* ivanaldosantos@yahoo.com.br.

de outro lado, do ponto de vista psicanalítico, o surgimento do sujeito artístico, o artista-criador, é vislumbrado como consequência de uma transferência estética. Segundo Coelho, essa transferência ocorre devido à trama familiar e das diversas relações de impregnação, influência e confronto que o artista estabelece com os sujeitos ao seu redor.

A consequência dessa aplicação é que o artista passa a ser percebido como o criador de um mundo próprio, exclusivo. E dentro desse mundo há uma série de relações, significações e significados, novas linguagens e estilos artísticos. O artista, enquanto criador e habitante da obra de arte, é uma experiência e uma superação do mito de Narciso e de Édipo. Analogicamente, assim como Narciso precisou passar pela experiência de ver-se refletido, pela água, o artista também necessita passar pela experiência da auto-reflexão. Essa experiência é simultaneamente encantadora e dolorosa, mas é ela que abre a possibilidade do (auto)conhecimento. Nas palavras de Coelho: “estará apto a ver-se e a ver outros rostos, a reconhecer ver-se neles. Tudo, para ele, começa a fazer sentido. É o início do seu (auto)conhecimento” (p. 33).

Entretanto, o (auto)conhecimento não pode voltar-se para si mesmo da forma como aconteceu com Narciso que ficou preso “num amor estéril a si mesmo” (p. 36). É preciso abrir-se para o outro e para a realidade. É justamente o processo de abrir-se que possibilita ao indivíduo deixar de ser simples sujeito e tornar-se um artista. O processo inverso, ou seja, o de fechar-se em si, como fez Narciso diante da própria imagem refletida pela água, ao invés de ser um processo criativo, torna-se um processo egoísta de auto-encantamento. Este processo egoísta inviabiliza o nascimento da arte. A arte – que no livro é representada pela metáfora da flor de Narciso – só pode nascer se o eu egoísta, o “simulacro fugidio” (p. 34) morrer.

Fundamentado em Harold Bloom, Coelho desenvolve a teoria do romance familiar, ou seja, o primeiro momento em que o artista, ainda inconsciente, passa a produzir arte. Com relação a essa teoria, Coelho afirma:

Para aliviar a sua angústia e oferecer um objeto para a sua fantasia, o apreciador constrói para si uma família, se filia a um estilo e, com isso, se impregna da linguagem do outro. Aderindo e filiando-se a outros de sua predileção, seguindo os passos de um mestre ou imitando-lhe o estilo, o amator reconstrói o seu mundo (p. 83).

Para o autor, assim como Édipo, que não tinha conhecimento da existência de sua família, o artista também passa por esse processo de desconhecimento. De forma inconsciente o artista busca constituir uma família para si. Entretanto, essa família não será consanguínea, mas será outro artista, um grupo de artista ou um estilo impessoal.

Todavia, para que o jovem artista possa se tornar autônomo, tanto para si mesmo como para a sociedade, é preciso que ele se liberte da família que lhe dá abrigo. Para realizar este ato é preciso que o “artista, como Édipo, tem de encarar e enfrentar o próprio pai e o seu cortejo, caso queira ser reconhecido. O tamanho das dificuldades que terá de superar darão a medida do seu gênio, de sua grandeza heróica” (p. 89).

Analogamente, assim como Édipo deve matar o próprio pai para poder se tornar rei, o artista necessita matar o “pai”, ou seja, a sua inspiração familiar artística inicial. Com essa morte, o artista pode ver, compreender e criar algo novo que o seu “pai”, isto é, outro artista, um grupo de artista ou um estilo impessoal, não fez.

Entretanto, o processo de matar o “pai” não será fácil. Para realizar este fim, o artista necessita ficar diante do perigo, do incerto e da incompletude. Ele precisa descobrir as fendas da obra artística do “pai”, ou seja, onde o “pai” falhou e o que poderia ter construído, mas não o fez. Da mesma forma que Édipo ficou diante da Esfinge, o artista fica diante do “pai”. Assim como se Édipo não tivesse decifrado o enigma da Esfinge teria morrido, da mesma forma acontecerá com o artista. Se ele não conseguir descobrir nenhuma falha ou nova possibilidade dentro da obra do “pai”, então será devorado por essa obra, ou seja, pela Esfinge. O “pai” vencerá e reinará absoluto. Não haverá um novo rei, ou seja, um novo artista que trará formas, linguagens e estilos novos para arte.

Para Coelho, se o artista falhar em decifrar o enigma da Esfinge, ou seja, se falhar em encontrar uma fenda ou uma nova possibilidade artística ainda não explorada pelo “pai” então ocorrerá a “vitória da mesmice – e a esterilidade continuará a grassar pelos campos improdutivos e depauperados” (p. 93). Paradoxalmente, a arte e a criatividade, que são a vida, só podem nascer com a morte. É a superação, a morte do “pai”, enquanto arquétipo freudiano, que possibilita ao artista imprimir a arte e também a realidade novas experiências e estilos artísticos. O mito de Narciso e de Édipo são uma possibilidade de compreensão da complexa relação entre artista, processo de criação e obra de arte. Da parte de Narciso, pode-se ver o artista mergulhado em um conflito entre atrofiar-se numa interioridade muda e estéril e a necessidade de um espelhamento, de doação da energia libidinal. Esse conflito conduz ao artista a produzir uma obra em que ao mesmo tempo se oculta e se revela.

Já da parte de Édipo o processo de criação artística é visto como um compromisso entre o desejo de ser reconhecido e amado pelo outro e o desejo de ocupar-lhe o lugar. Este compromisso, carregado da dualidade entre amor e agressividade, conduz ao artista, de um lado, buscar a filiação, ou seja, a companhia do “pai” que lhe adote como aprendiz da experiência artística e, de outro lado, possa superar este “pai”, matá-lo do ponto de vista psicanalítico, para poder, com essa morte, nascer um novo artista e, com isso, uma nova obra de arte. Essa nova obra de arte deverá ser tão autônoma quanto o artista que a produziu.

Por fim, afirma-se que o livro de Coelho é uma rica discussão e uma séria possibilidade de compreensão da relação complexa e, muitas vezes, torturante entre o sujeito, o processo de criação artística e a obra de arte. O sujeito para produzir a obra de arte necessita vivenciar e superar as angústias de Narciso e de Édipo. Por sua vez, a obra de arte só será autônoma, do sujeito que a criou e de outros sujeitos, se também for capaz de superar Narciso e Édipo.